

BERNANOS E O BRASIL

MONIQUE GOSSELIN

Université Paris X Nanterre

Resumo

A autora conjuga informações sobre a vida de Bernanos no Brasil e a imagem deste país em seus escritos de combate.

Abstract

The author conjugates information about Bernanos's life in Brazil and the image of the country in his combative writings.

Palavras-chave

Imagologia;
experiência no
estrangeiro;
identidade.

Keywords

Imagology,
experience in
foreign
countries,
identity.

Conferência pronunciada na Maison de l'Amérique Latine, em Paris, no âmbito do ciclo de conferências: "O Brasil no imaginário francês, de Jules Verne a Georges Bernanos", que se estendeu de maio a dezembro de 2005, sob a organização de Pierre Rivas e Michel Riaudel.

Fazer o relato do encontro marcante e decisivo de George Bernanos com o Brasil, país que aprendi a amar como muitos franceses aqui presentes e do qual recebi vários convites, é uma grande honra e satisfação. Agradeço a Pierre Rivas por ter confiado em mim para a realização dessa conferência. Espero poder atender às suas expectativas e a de todos os presentes.

Gostaria de retratar primeiramente a maneira, quase anedótica, como Bernanos chegou ao Brasil e como pouco a pouco ele foi descobrindo esse país; em seguida, farei o possível para depreender dos seus vários textos o modo como ele percebe as paisagens do Brasil e a natureza. Depois, vou me ater à sua percepção do povo brasileiro e às suas relações com os intelectuais para me fixar, por fim, na renovação que o Brasil promoveu na sua visão de mundo e, mais precisamente, na sua representação da identidade francesa.

Bernanos voltou de Palma em 1938. Era já um célebre escritor católico, graças a três romances (*Sous le soleil de Satan* (1926) *La joie* (1929) e *Journal d'un curé de campagne* (1936)) e, sobretudo, por ter causado escândalo com "Les grands cimetières sous la lune", ensaio panfletário no qual, como antigo militante da Ação Francesa, tomava o partido dos republicanos espanhóis e denunciava as exações de certos católicos e o comprometimento da hierarquia eclesiástica. Até então, não tinha pensado em se exilar no Brasil. Desde 1934, sonhava com o Paraguai. Eis o que escreveu no dia 27 de maio desse ano:

Vou-me embora daqui. Assim decidimos durante um Supremo Conselho entre o negro Bouteiller, Colleville o taciturno e "eu mesmo"; onde? Para o país do sarigüê, certamente o Paraguai. Por quê? Porque o clima é saudável, o calor moderado, a caça e a pesca existem em abundância [...] Lembremos ainda da banana, da laranja, da manga e da cana-de-açúcar que lá estão à disposição dos apreciadores.

Com dois amigos da juventude transformados em verdadeiros companheiros de estrada, ele sonha buscar a aventura num país que parece ter confundido com o

paraíso terrestre, e ele próprio o confessa, tomando como base a autoridade do dicionário (*Nous autres Français*, texto escrito no Brasil em 1938). “Há algumas semanas”, escreve, “eu estava de partida para o Paraguai, esse Paraguai que nosso dicionário Larousse, de acordo com o Bottin, qualifica de paraíso terrestre. Não encontrei lá nenhum paraíso terrestre, mas sinto que não vou desistir de procurar por ele”.

Certamente, não deixará de idealizar o Brasil da mesma maneira; descobre-o pouco a pouco até senti-lo como sua casa e não como sua pátria: “o Brasil não é para mim o hotel suntuoso, quase anônimo, onde coloquei minha mala com a esperança de retomar alto mar e de voltar para casa: é o meu lar, é minha casa”. Mas antes de se instalar no Brasil e de se sentir assim, Bernanos se contentou em fazer uma escala no Rio no dia 5 de agosto de 1938, onde o acolheram o filósofo católico e tomista Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) e outros escritores brasileiros. Bernanos comove-se muito com a recepção inesperada, conforme relata em 8 de agosto (para sua amiga Christiane Manificat):

Nós chegamos ao Brasil e conseqüentemente à terra americana no dia da festa de São Dominique. A acolhida extraordinária que fizeram para mim na minha chegada ao Rio me proporciona uma espécie de esperança ainda muito difícil de definir. Parece-me, porém, que me fiz compreender por aqueles que estavam lá.

Seria um pressentimento? O que quer que seja, ele voltará um mês depois, exatamente no dia 1º de setembro, decepcionado com o Paraguai. A história que daí em diante seus textos (cartas, ensaios ou artigos) nos contam é a de uma amizade progressivamente estabelecida e de uma verdadeira aventura. Ele entende pouco a pouco esse país imenso, cujas paisagens e natureza o desconcertam de imediato. Não encontra logo um lugar para se estabelecer; vamos acompanhá-lo numa série de mudanças entre 1938 e 1940.

Em setembro de 1938, encontra-se ainda no Hotel Botafogo no Rio, onde diz que deverá renunciar à bela fazenda que pensava ter encontrado porque o tifo se alastra por lá. E em seguida, acrescenta: “aqui se está muito próximo da terra, é preciso defender-se contra a chuva, o vento, o barro, os insetos, contra uma série de coisas. A palavra casa toma de novo o seu sentido”. Primeiro ele residiu na antiga casa do piloto francês Reine, em Itaipava, depois foi morar não muito longe do Rio, em Juiz de Fora, em Minas Gerais (de dezembro de 1938 a janeiro de 1939). Ali ele leva uma vida que descreve assim: “cinco cavalos para alimentar, escovar, cuidar, as selas e as esporas para limpar, isso já vale muitas palavras”. Mas a casa que alugam para ele lhe parece cara, nada confortável (“o banheiro é uma nojeira”, descreve ele. Enfim, sai em busca de outra casa e acaba por alugar uma casa mobiliada, dessa vez em Vassouras. “Que pena! Está de fato quase vazia, nada nas paredes, nada sobre o assoalho”, constata ele, além de comentar, não sem uma dose de humor: “essa casa mobiliada poderia se definir como uma casa sem móveis, onde foram deixados alguns deles que não foram transportados ou porque não valiam nada ou porque incomodavam demais”. O que não o impede de escrever a Amoroso Lima, que logo se tornou um amigo: “mas que casa agradável e que cidadezinha charmosa!”. É preciso, no entanto, considerar isso a partir

do que ele mesmo chama de “sua aventura brasileira”: Tornou-se criador de gado, já que possui três vacas, seis porcos, sete cavalos. Nessa “cabana impossível” (tal como a chama), ele diz escrever tendo como visitas enormes lagartos. Fica nessa casa até junho de 1939, quando decide partir de Vassouras para adentrar ainda mais o país “e se fixar às margens do Rio São Francisco, a 1.200 km ao norte”. Eis que chega a Pirapora, em Minas Gerais, no fim da linha da estrada de ferro, seguindo o conselho de Virgílio Mello Franco, político brasileiro que será sempre seu fiel e eficiente amigo, como, aliás, toda a sua família.

Em julho de 1939, Bernanos tenta comprar uma fazenda e alguns animais em Pirapora. Percebe-se na leitura de suas cartas que esse lugar o deixa um pouco decepcionado. “À primeira vista, dá vontade de tomar o trem de volta e de ir logo embora”, confessa ele. “Depois a gente vai se acostumando e acaba até gostando daqui” (carta a René Prouvot). Deixa também transparecer certa saudade da “doce e tranqüila casa de Itaipava”, mas logo depara com outro inconveniente: os preços das fazendas são mais altos do que poderia pagar; “era tão cara que correria o risco de adquirir a fazenda e não poder tocá-la depois: sem bois e sem casa”. Mesmo quando revela um certo esmorecimento, desmentido pela realidade dos fatos, somos chamados a acompanhar suas dificuldades materiais e financeiras (das quais aliás fala com humor nas suas cartas). Ele que já tinha se mudado muito na França e também em Palma, recusa-se a voltar ao Rio “de cabeça baixa”. Elabora de novo planos e, como sempre, rumo ao horizonte e ao sonho:

Vou trazer as crianças [são seis], os baús, os cavalos, fico no hotel e começaremos de novo a procurar um sítio. Parece que a uma centena de quilômetros as fazendas não são tão caras. Não são cem quilômetros a mais ou a menos que vão me pôr medo.

Ao mesmo tempo que escreve seu *Diário*, publicado mais tarde com um título que não fora escolhido por ele, *Les enfants humiliés*, tenta se fixar em Pirapora e consegue comprar uma fazenda a 25 quilômetros dali, o que lhe permite dizer mais uma vez com humor que adquirira o direito de ser um “vaqueiro” e não mais escritor (é conhecido seu desprezo pelos profissionais da escrita).

Mas antes disso, ele tem ainda que esperar que a “casa-fazenda-estábulo” (*sic*) fique pronta. Trabalha, então, na casa alugada com pouca vista “ralada pelo sol, contaminada pela sarna solar – sem móveis, sem água”; evoca freqüentemente nas suas cartas o pequeno pátio onde se instala para escrever sob “uma árvore única vazada como uma escumadeira, a boina colonial sobre a cabeça”. Encontraremos essa descrição no seu diário, revestida de uma dimensão poética e simbólica, à qual voltaremos no momento de estabelecer sua relação com a terra brasileira. Mas podemos já compreender que o lugar lhe parece árduo, o calor desumano. “Enfim, a fazenda Santo Antônio ficou pronta, logo arrumada pela senhora Bernanos”: ele esquece Itaipava e o hotel do Rio, e expressa seu entusiasmo a Virgílio Mello Franco: “desde que cheguei no Brasil, é a primeira vez que durmo num verdadeiro quarto”. Dessa vez, está diante de um verdadeiro rebanho (280 vacas, bois, cordeiros e touros, oito cavalos e cinco mil hectares de mata). Infelizmente, mais uma vez, ele se dá conta das dificuldades da empreitada quando percebe o quanto seus

filhos penam para explorar a fazenda. “As plantações a serem vistoriadas estão dispersas por um terreno de cinco mil hectares – clareiras em meio à eterna floresta – e há ainda essas santas vacas que fazem bezerros por toda parte – e que ainda se escondem para dar cria, o que complica tudo ainda mais”. Percebemos com clareza nessas rápidas evocações que, a despeito de sua alegria, tudo ali lhe parece desproporcional: as vacas são espécies de “zebus” que têm “uma bossa danada nas costas, galopam como cavalos e saltam cercas de um metro e meio”. E pouco a pouco esse sentimento de desproporção se alastra até mesmo aos acontecimentos históricos. Enfim, ele parece demasiado desanimado com tudo que lhe acontece. E no entanto, aos poucos ele “se acostuma”, e o termo pontua as suas frases: na casa de barro e sem forro (até parece a casa de cadet Roussel¹), onde todos os cômodos se abrem para um grande madeiramento, cheio de morcegos (a representação deixa entrever certo mal-estar), acostuma-se a esse modo de ser exótico: que se traduz por um “tumulto perpétuo, já que logo cedo a casa se enche de colonos, vaqueiros, gente do povo, vindo pechinchar duas galinhas e, também, negrinhos de barriga grande que nascem aqui por toda parte”. Menciona, enfim, seu novo regime alimentar, ao qual se acostumou também: “ainda estou me acostumando com o arroz que substitui o pão, com a carne seca, com o eterno mugido das vacas, com o sol e a chuva” (p. 275). A repetição do verbo revela de fato a estranheza sentida e o voluntarismo de sua atitude. É, portanto, com muito dificuldade que aos poucos ele vai aceitando esse país, que de início lhe parece muito duro.

A partir de dezembro de 1939, o tom se modifica um pouco, como se pode perceber: “sinto-me muito distante do Rio, agora, que, aliás, é uma cidade bonita demais para mim, nesse momento muito feliz”. Isso quer dizer na verdade que ele se entrosou mais com o Brasil do interior. E retomando com um outro correspondente a rápida descrição da casa de madeira, cujos caminhos não eram acessíveis, exprime pela primeira vez sua atração pelo sertão e “por esse caro e velho lugar tão pouco aprazível”, em relação ao qual diz sentir agora “uma amizade que se conquista apenas com o tempo, mas que é simples e fiel”. Estamos no final de dezembro de 1939.

Ele descobre suas afinidades com “essa terra e seus lavradores”. “Gosto desse país que sempre tem fome e sede. Eu também tenho fome e sede, e Deus fez questão de dizer que nós seremos satisfeitos”. No entanto, o escritor logo irá se defrontar com as estações, com a violência da natureza tropical, desmedida, imprevisível, “em março quando os rios se tornam afluentes, as chuvas são torrenciais, mas a terra seca em uma hora”. As dificuldades materiais se multiplicam. As dúvidas brotam: “eu me pergunto se vou prosseguir com essa experiência ou não”. Ele procura um industrial francês instalado no Brasil, CM Tresca, e pede-lhe para procurar “um canto de terra com clima melhor, onde não acabem morrendo uns após os outros”; pensa em acabar com o gado e afirma que consentiria morar mesmo longe das

¹ Cadet Roussel é um personagem que realmente existiu. Nascido em 1743 no Jura, muda-se para Auxerre aos vinte anos, onde se torna uma figura importante na política. No entanto, para permanecer em Auxerre, precisa adquirir os direitos de compra de uma casa na cidade. (N. T.)

cidades em pleno campo. Mas o encontraremos em julho de 1940 de volta a Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, no Palácio Hotel, depois, a partir de agosto de 1940, a trezentos quilômetros do Rio, em Barbacena, na época ainda uma pequena cidade... Teria ele morado no que lá se chama “casa de loucos”? É o que se pergunta, e teria sido engraçado isso. Acaba, por fim, comprando o que chama de uma casa de verdade, uma bela propriedade e bem mais cara do que de fato podia pagar: seus amigos brasileiros pagaram a diferença do preço sem que ele o soubesse. Em Pirapora, a venda da propriedade foi difícil: o vaqueiro foi embora e muitas vacas tinham desaparecido. A venda acabou sendo feita de maneira “aceitável”, dirá ele. Instalou-se, enfim, na propriedade de Cruz das Almas, um nome tão bernanosiano que se poderia pensar ter sido criado por ele mesmo. Nada disso. Retoma-o no início de sua coletânea de artigos que levam esse nome, e passo-lhe a palavra:

A Cruz das Almas – cruz das almas é o nome de uma pequena colina no flanco da qual estava suspensa a nossa casa solitária, diante de um horizonte imenso de cristas nuas e selvagens que se encavalavam umas nas outras em centenas de quilômetros ao sul, caem rente ao mar e se perdem pouco a pouco ao norte, no sertão sem fim. Há pouco mais de cem anos, os selvagens ali massacraram alguns de seus irmãos batizados, antes de os deceparem e de os comerem, segundo o uso de suas tribos. Uma cruz de madeira perpetua o sacrifício desses obscuros mártires que jamais terão seus nomes inscritos no breviário. (p. 207)

Bernanos expressa pois a característica do lugar com essa narrativa tradicional piedosa e cruel, digna de figurar nas relações dos missionários, mas também por esse esboço de uma paisagem grandiosa, quase sublime. Ele permanecerá nessa propriedade até sua volta à França (com exceção de alguns meses passados na ilha de Paquetá na baía do Rio). Ainda hoje em Barbacena, que se tornou uma grande cidade, pode-se ver a casa de Bernanos com suas duas partes, na entrada do alpendre a estátua da virgem, que suas raivas homéricas fizeram cair várias vezes e que ele recolocava no lugar, disseram-me religiosamente. A cidade não o esqueceu, e a prova disso foi a maneira calorosa como uma centena de brasileiros receberam alguns anos atrás um grupo de pesquisadores bernanosianos, vindo para um colóquio no Rio, do qual eu fazia parte.

Depois dessa crônica de uma difícil e caótica instalação, repleta de aventuras, vamos à relação de Bernanos com a terra brasileira, depois de nos termos introduzido nela, com a poética evocação dessa nova morada. Como escritor, ele é tocado pela dificuldade de formular sentimentos diversos que lhe inspira a natureza nesse país insólito e comunica aos seus virtuais leitores uma espécie de contradição intransponível:

falo assim desse país para vocês, mas não é assim que o tenho comigo mesmo. O que digo a mim mesmo eu não saberia transcrever, e quando nada mais disser sobre ele, o terei por fim compreendido e amado.

E ainda:

sim, seria melhor, num certo sentido, não dizer nada a respeito desse país, já que todas as frases só estão aí para disfarçar minha ignorância e a de vocês, que elas provavelmente me afastam dele sem que vocês dele se aproximem? Mas o que posso fazer?

Ele contorna, portanto, o indizível em virtude de um imperativo interior, como que para domar, por meio das palavras, essa natureza rebelde, e a descrição que ele oferece traduz essa impotência da linguagem para expressar uma experiência radicalmente nova, a do exílio e a de um vacilo de fora para dentro, da posição de espectador benevolente para a de anfitrião: “eu não o observo mais de fora, eu estou dentro dele, e para não dizer mais nada minha esposa e meus filhos se alimentam do seu pão, no sentido figurado do termo, já que o fermento não dá aqui, que nós comemos arroz e não pão”. E primeiro traça um itinerário distante da civilização para penetrar na natureza virgem, selvagem, separada da cultura por uma barreira opaca e hostil:

deixei a linha do trem para trás, vi os trilhos chegarem ao fim, como uma tênue armadilha de aço sob a vegetação parasita. Vi a última estação de trem e a última ponte. Diante de mim, à minha direita ou à minha esquerda, a mata fechada avança e avança em milhares de quilômetros quadrados em direção ao Mato Grosso, ao Paraguai, ao Amazonas e, ainda além, até o Pacífico. E atrás de mim, ainda que transpassada por toda parte da linha do caminho de ferro, a mata ainda se defende, tendo a vida difícil, cedendo apenas diante de Belo Horizonte, a grande capital verdejante de Minas; não que os homens lhe impusessem medo, mas porque ela não abocanha mais as montanhas de minerais que são verdadeiras montanhas de ferro.

Ele nota ainda que essa mata “sempre a assedia, pois a floresta não desiste, ela cresce até as cristas áridas cor de ferrugem, suas magras dianteiras extenuadas”.

Citei amplamente para que se tenha a dimensão dessa luta, tal como ela foi para ele, esse combate invencível de uma potência natural arrasadora contra o homem e sua cultura, num país gigantesco no qual um europeu só pode se sentir perdido. Todas as descrições que Bernanos faz da natureza brasileira trazem a marca dessa surpresa de um homem, maravilhado pela terra francesa domesticada e familiar, diante de uma natureza que rechaça o homem e que lhe parece bastante monstruosa e disforme, quase fantástica. Ele não se cansa de explorar o paradoxo que a floresta lhe apresenta: floresta mas com árvores “anãs”, quase um deserto de árvores, ela não tem limites nem referência, é “indefinida”, a mata fechada lhe parece igual ao homem, contorcido por uma dor que se acredita perene. Ela tem os “membros contorcidos pela sede, agachada sobre as suas coxas em garrancho, agarrada por seus milhões de braços disformes a cabos que não têm quase nada de vegetal, os cipós gigantes e ressecados que ressoam em seus dedos como um tambor”.

O reino vegetal parece ter se associado de maneira monstruosa ao mundo mineral, mas em outras estações ele se associa, pelo contrário, ao reino animal: “ei-lo ressuscitado, verdejante e fulgurante sob a sua carapaça, crescendo diante dele cabisbaixo, coberto de uma nova roupagem crespa, sua face de touro”. É definitivamente uma natureza monstruosa e perigosa que cerca passo a passo “as cidades antes de quebrá-las como um vidro”.

A própria chuva é tão majestosa que poderia fazer crer ser investida da missão divina de pacificação. Infelizmente, não! Essa chuva nada alivia, ela não endireita em dois meses a floresta tortuosa, ela não redime os membros deformados pelas contrações, as articulações aneladas, ela apenas tornará seus enfermos inveterados monstros mais possantes do que nenhum atleta de nossos bosques franceses.

Tal é o contraste quase ininteligível entre a natureza francesa e essa natureza brasileira, torturada sem perdão por um sol implacável ou pela violência das tempestades. Em seu diário ele sempre caracteriza essa terra “que conhece de relance o homem, por expressões negativas e de privações: ela não tem “passado, nem lembranças e portanto é muito pobre”. Ele a percebe como uma terra morta, reduzida até os ossos a um “esqueleto de ferro” sob o sol irremediável, implacável. A abundância da vegetação não lhe parece luxuriante, mas parasita: “ridícula, inútil”; a abundância de negações revela que essa natureza assume a aparência de uma contra-natureza monstruosa com as árvores “contorcidas, feiosas, tetânicas com o coração cheio de formigas, de ervas amargas e flores exangues”, que ele parece resumir tudo isso no seguinte paradoxo: “essa terra esgotada antes de ter servido”. A representação é ditada pela impressão de ser rechaçado no caminho do desumano, do inferno. Parece de fato se perceber como um derrotado, condenado a escrever no pátio da “casa de Pirapora, sobre a qual pairava uma maldição atroz”; e escreve “sob o manguezal ressecado cujos frutos estão dependurados ao pedúnculo morto; a parede descascada, ralada parece ser contaminada dessa sarna solar cuja imagem é para ele inseparável da miséria “sem remédio e sem esperança”. Podemos definir o que seja o inferno apenas por essas negações? “pois o sol iguala tudo”, continua ele, “e seus adubos austeros, sem cor e sem cheiro são mais lúgubres do que as mais nojentas criações da chuva”.

Após essa evocação de um além infernal, aparece uma nota francamente surrealista, quando, entre o rumor das três línguas faladas que fazem desse lugar uma verdadeira Babel, vemos passar as araras excêntricas, os grandes palhaços pintados de amarelo, de azul, de escarlate e de verde de Verona, mas que fazem “dançar irritantemente com uma pata sobre a outra os urubus pretos com cabeça enrugada, os carneiros tão familiares quanto as galinhas”. Não seria exagerado aqui dizer que esse entorno tem algo de fantástico, de agressivamente exótico? E Bernanos comenta: “eu não escolhi esse lugar (entre a mesa e a parede) e esse lugar nem tampouco me foi imposto [...] O tempo de ir mais longe passou para mim, para onde irei?”. Essa natureza à qual ele parece estar condenado, tal como Sísifo, como também à escrita literária, se torna a figura de um destino, mas não de uma fatalidade.

Ela, no entanto, suscitará nele uma meditação sobre a extrema diferença entre nossas terras cultivadas, nossa natureza amena e organizada por uma longa história e essa natureza imensa, indomável, rebelde em relação ao homem e sua cultura, que constitui um desafio para o povo brasileiro. Mas precisamente, Bernanos recebe desse uma lição. Pouco a pouco ele apreende a cultura brasileira em todos os seus sentidos, bem como a relação que esse povo mantém com a natureza e sua terra. E é para esse povo e essa sua cultura, tal como ele os descobre, que chamo agora a atenção. Pois Bernanos primeiro descobriu as cidades brasileiras, sobretudo o Rio; desde a primeira escala ele julga a beleza do Rio menos esmagadora do que imaginara, tão aprazível, tão meiga, e a compara por vezes a uma bela mulher deitada e sedutora que encarna pela sua beleza uma promessa de felicidade. Infelizmente, de modo muito rápido pouco harmoniosa com a infelicidade francesa que ele sente de maneira profunda. “Essa cidade tão vertiginosamente bonita, tão bela, tão humilde. Parece se deitar aos seus pés, com suas jóias, seus perfumes e

seu olhar, com a inocência e a docilidade dos animais. O ar tem uma doçura selvagem." Segundo ele, a própria cidade guarda alguma coisa de originário e de intocável, como se civilização não pudesse apagar a marca da natureza brasileira selvagem que parece sempre espreitar à sua porta. Ele descobre assim a dimensão de país jovem. Assim a cidade de Pirapora lhe faz pensar nas cidades dos *westerns* ("verdadeira cidade de desmatamento, parecendo de cinema, com as casas em construção por toda parte"). Pensa ter percebido a cultura brasileira desde o início por intermédio dos lavradores, e não se trata aí certamente de uma postura. É verdade que ele teve vários amigos brasileiros pertencentes à elite culta, ao mundo intelectual e político, mas é do lavrador brasileiro que ele parece ter recebido a primeira lição, pelo menos a fundamental, enquanto se surpreendia por não encontrar as terras cultivadas como na França. Ele percebeu pouco a pouco que essa terra brasileira era demasiado esmagadora para que o homem pudesse facilmente dominá-la pela sua cultura. É preciso, portanto, pacientemente fazer uso dela.

Ele próprio se descobre um camponês francês, por meio dessa relação de estranheza para com a terra brasileira. Esse país sem estrada e sem limites se opõe ao ódio, ao caminho oco e à água escura que ele carrega consigo desde a infância.

Foi preciso cruzar os oceanos para descobrir que a relação de um francês com a terra não é a única medida para todo e qualquer homem. Não é por acaso que Bernanos escreve *Nous autres Français* no Brasil. Sua estada no Brasil constitui uma via iniciática por meio da qual ele descobre sua própria verdade, sua própria identidade e a da terra francesa com a qual ele se confunde. A primeira impressão foi a consciência do exílio; ela se traduz pela meditação sobre a relação com a terra e com a morte, cunhada numa palavra de ordem testamentária, um legado para a geração seguinte: "Sim, imagino o momento de dizer essas coisas [...] Certo de ser compreendido um dia por outros jovens franceses, aceito, consolado numa terra estrangeira onde eu me deitarei sem dúvida pela última vez" (p. 589). Percebemos nessa frase a preocupação com sua última morada e a angústia de ser depositado numa terra diferente da sua. Em *Nous autres Français*, ele volta a essa referência à terra, mas fala dali em diante de "nós", em nome dos franceses no fim de uma vasta elaboração sobre a identidade francesa, que se conclui com uma abertura ao universal (certamente muito inspirado pelo encontro com a cultura brasileira).

De onde viria esse encaminhamento? Ele descobriu no Brasil, com a alteridade, o sentimento de pertencer a outro lugar, de pertencer a um velho país, vindo de uma natureza rebelde. De seu desapontamento em relação aos sonhos de criança ele chega a uma reavaliação de todo o Brasil. Descobre, então, a obrigação imposta por esse país de se estabelecer uma nova ou uma outra relação com a terra. Percebe, de repente, que ainda não compreendeu esse lugar e esse país:

Em toda parte que não seja esse país absolutamente estranho à minha alma, eu estaria levado a deixar para amanhã. Mas sou um recém-exilado, não consegui fazer ainda um novo amanhã [...] Meu amanhã permanece um amanhã francês, ele tem a cor, o cheiro das manhãs da infância; ele não pode me servir de nada aqui. (p. 824).

A confiança é clara e, no entanto, pouco a pouco Bernanos se comunicará com o Brasil, depois de ter dimensionado essa terra imensa que desafia o homem

(ele evoca esse "rio desmedido, em pleno sertão"), uma terra que gera monstruosidades metamorfoseadas, no entanto, completamente naturais (p. 824). Aqui nada de intercâmbio com o homem como em nossas "velhas terras", como observa ele. "Mas nossas velhas terras têm muito de nós, e essa daqui não recebeu nada de ninguém". Eis a primeira descoberta. Trata-se de terras virgens, que não conheceram nem a dureza nem, sobretudo, a ternura da cultura humana, pois a fraternidade entre o homem e a terra repousa numa longa história de convivência.

Ora, essa terra é igual a um animal selvagem: o oposto da terra francesa, um animal doméstico bem cuidado (p. 825). A animalização das duas terras (a da França ou da Europa e a do Brasil) esclarece o fato de que essa terra imensa, não cultivada "não sofreu as investidas do homem e que o homem não a regou com seu sangue" (p. 825).² A história delas é diferente. É no prefácio da *Lettre aux Anglais* (p. 4) que Bernanos oferece uma análise mais penetrante e, de certa forma, faz um balanço de sua vida. Lembra sua primeira incompreensão diante do lavrador brasileiro, ao seus olhos muito indolente para "humanizar a terra"; depois confessa que aos poucos foi compreendendo como esse lavrador e, por fim, todo brasileiro se vira com a sua terra, tomando-a de esguelha para não ser esmagado por ela: ele não pode e nem deve reagir tal como o velho camponês francês (aliás, mítico, ao qual Bernanos se refere).³ O brasileiro deve, então, ser mais paciente, mais contemplativo, ser astucioso com uma terra gigantesca, uma terra esmagadora, uma terra ameaçadora que se recusa a ser conquistada brutalmente, sem que a violemos, sem que a desnaturemos.

Essa descoberta constitui para Bernanos um retorno às origens, pois essa singular relação do homem brasileiro com sua terra é a mesma daqueles velhos camponeses da Antiga França. Sua vinda ao Brasil representa, portanto, também, uma volta às origens. Ele é levado a reavaliar sua relação com as cidades. Ele, que via nelas uma contranatureza, aprende a amar essas pequenas cidades brancas e douradas que agora lhe parecem refúgios. Bernanos presente, entretanto, a ameaça que pesa sobre essas terras virgens ante a voracidade das outras nações que podem assolá-las para pilhar⁴ e desnaturalizá-las. Ele vai pouco a pouco estabelecendo, assim, uma equivalência entre essa terra brasileira, selvagem, indomável e indomada e o olhar das crianças brasileiras, que têm a pureza de uma natureza originária, intacta mas selvagem e quase rebelde: terras livres e crianças livres; nos dois casos, trata-se de uma liberdade igual àquela dos animais selvagens. É preciso domesticá-los sem destituí-los de sua natureza. E para isso o Brasil deve defender sua identidade singular e forte. Isso implica a aprendizagem da verdadeira paciência, aquela dos homens

² "O quanto nós acariciamos a nossa!" Escreve ele designando a terra. Bernanos replica assim aos adeptos de Maurras que custa caro humanizar as paisagens, que cada metro quadrado de solo francês foi provavelmente pago por uma vida de um homem ao passo que essa terra muito vasta do Brasil não poderia ser regada de tanto sangue que sua vastidão exigiria.

³ É, aliás, no Brasil que ele acredita ter se descoberto camponês: "eu sou eu mesmo um camponês, sou bastante apegado ao campo" (p. 270)

⁴ "Eles acharam que você demorou muito para explorar a sua terra, isto é, para refazê-la à imagem e semelhança deles, a explorar a sua própria terra, isto é, abri-la e apresentá-la a eles toda aberta" (Prefácio, p. 5).

que não querem conquistar pela força em razão de sua avareza e de sua cobiça. O importante, então, é comungar com a terra e seus habitantes, tal como se partilha o verdadeiro pão em uma camaradagem respeitosa. Essa é a primeira descoberta.

A segunda é aquela de um país novo, no qual os pais não pesam nas costas dos filhos, porque não há o peso das gerações, um país que é um cadinho de raças, sem passado, fundado na mestiçagem. Bernanos não emprega o termo, mas fala dos mulatos e das mulatas; lembra como os brasileiros aclimataram em sua terra as idéias da Revolução Francesa, e as fizeram suas para constituir e legitimar sua própria identidade. Bernanos os exorta a protegerem sua originalidade, que repousa nesse cadinho de diferenças... contra a ameaça da uniformização americana. Se eles gostam da França é porque para eles a Revolução Francesa gerou valores universais que se tornaram seus também, valores esses que encarnam a França. Disso resulta uma fraternidade estabelecida entre sua terra, sua cultura e a França, sendo o próprio Bernanos, para os brasileiros, a viva encarnação dessa fraternidade, de acordo com sua percepção. Pois o povo brasileiro, então compelido a se sujeitar à ditadura de Vargas, manifesta sua paixão pela liberdade.

Bernanos apreendeu o Brasil não somente por intermédio do povo do campo, mas também pelos intelectuais e homens da política. Virgílio Mello Franco, político e grande amigo de Bernanos, lutará contra a ditadura e pagará com a própria vida em outubro de 1948 (depois da morte de Bernanos). Toda sua família cercará Bernanos de uma amizade fervorosa e generosa (Afrânio, Dona Boa Vista, sua irmã, João Teixeira seu amigo e político) naquela Gerais que encarna, segundo Pierre Rivas, "a tradição e a memória do Brasil", e que é, portanto, amada pelo escritor, para quem esse lugar resume todo o Brasil, como ele o dirá no momento de deixar o país. Ele também encontrou nela uma generosidade e uma delicadeza excepcionais, já que seus amigos brasileiros o ajudavam discretamente a ganhar a vida, pagando mais caro por seus artigos do que os jornais habitualmente pagavam; sem que ele soubesse, os amigos pagaram uma parte da sua propriedade de Cruz das Almas, bem como a casa onde ele ficava quando ia ao Rio.

É impossível congrega todos os amigos brasileiros de Bernanos, católicos oficiais como Amoroso Lima, do qual ele mantém certa distância (não são exatamente da mesma paróquia); o cirurgião e grande poeta Jorge de Lima, para quem Bernanos prefaciou uma coletânea, poeta e cristão; associou-se, já em Vassouras, a Raul e Lucia Fernandes (Raul Fernandes era diplomata e se tornará ministro das Relações Exteriores; um cético), mas ele e sua mulher fazem parte do grupo desses homens de boa vontade de quem Bernanos se sente mais próximo do que de devotos e beatos. Ele se diverte, canonizando-os, e chama Lucia de Santa Lucia Fernandez. Quando de sua vinda ao Brasil Bernanos encontrou no navio um intelectual francês, Georges Dumas, que pertencia a uma tradição bem diferente daquela dos laicos e republicanos. Bernanos descobriu então a França no Brasil. Ele expressa ainda a sua última descoberta, a mais essencial: esse Brasil, por ser uma terra de pobres e um país novo, é também um país de esperança, isto é, segundo ele, de "desespero ultrapassado".

Esse é o segredo da conversão do seu olhar assim revelado. Mas esse segredo não se revela ao turista que concebe o Brasil como um paraíso artificial, com "espe-

táculos exuberantes". Com o passar do tempo, ele se entrega ao sofrimento do exílio e, curiosamente, ao da universalidade. É considerando essa revelação que terminaremos essa conferência: o homem está no seu âmago por toda parte; mesmo em uma terra estrangeira, pois suas raízes estão nele, mas ele se descobre na sua diferença; é preciso ser estrangeiro para descobrir a sua própria pátria (p. 901). É esse novo enraizamento no Brasil que dá à voz de Bernanos a força para se erguer em direção ao universal⁵ e lhe permite redefinir a identidade francesa pela sua tradição revolucionária e cristã. Ora, ele redescobre essa tradição graças aos brasileiros: primeiro, no olhar de homens fraternos e desconhecidos que manifestam sua surpresa e compaixão, quando se anuncia a derrota francesa. Eles sentem com Bernanos a sua decepção já que esperam que a França honre a sua tradição revolucionária, seu senso de honra e seu gosto de liberdade que unem franceses e brasileiros. "Depois de Munique, concluiu ele, eu escrevia que tinha vindo ao Brasil para curtir minha vergonha, mas reencontrei meu orgulho e foi o povo brasileiro que o devolveu para mim." Quando, enfim, evoca sua partida do Rio, associa o olhar dessa cidade ao das crianças brasileiras e ao das crianças francesas de outra-ra. Associa em definitivo e verdadeiramente o solo brasileiro e a pátria francesa de maneira que nos lega por meio de suas reflexões, seus ensaios e seus artigos uma visão ao mesmo tempo tradicionalista e revolucionária, mas também a nova identidade que lhe foi conferida pela sua fraternidade com os brasileiros. De volta à França, enfrentará o pesar de fazer coincidir a imagem que, graças aos brasileiros, forjou do seu país com a França real que ele encontra em 1945. Repetirá sempre que existe "um pacto entre o Brasil e sua alma". Sonhará com uma volta ao Brasil, com o Corcovado, símbolo de todo o país, mas também sonhará encontrar nele a sua sepultura. Não chegará a realizar esse sonho, pois morre em 1948, sem ter revisto o Brasil. Mas manterá uma ligação constante com os amigos brasileiros de passagem e, por meio de cartas, com aqueles que ficaram por lá. Duas de suas filhas se casaram e se instalaram no Brasil, e uma (Claude, a mais velha) ainda vive por lá. Não seria essa a prova de aclimação profunda de um escritor francês, hoje desconhecido na França, mas que o Brasil não esqueceu?

Tradução de Cristina Vaz Duarte

⁵ "Pode parecer ao caro leitor que estamos bastante afastados da Cruz das Almas e de Botafogo; que não nos enganemos! Hoje, como sempre, meu pensamento permanece estreitamente ligado à nesga onde Deus me colocou."